O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 40.º — N.º 1986

Sábado, 29 de Março de 1947

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Haves*

AVENÇADO

VISADO PELA CENSURA

COLABORAÇÃO FECUNDA E LEAL

A Assembleia Nacional encerrou no dia 26 os trabalhos desta sessão legislativa. Se nos debruçarmos sôbre a forma como se houve e se nos dermos à tarefa de observar os resultados dà sua conduta facilmente verificaremos que ela nos deu, accima de tudo, um alto exemplo de honestidade política, de esfôrço construtivo, de fidelidade aos mais sagrados interêsses do património português.

Uma crítica facciosa e prejudicial, nascida de paixões doentias, de despeitos mal contidos e de ambições insofridas tem deturpado o verdadeiro objectivo e a própria acção da referida Assembleia.

A profunda deformação política que nos foi transmitida pelo demo-liberalismo e, portanto, por cem anos de orgia administrativa, que chegou a atingir muitos dos nossos melhores espíritos e a corromper a consciência das massas, espalhou a ideia falsa de que a Assembleia Nacional nem tem independência para se pronunciar sôbre os diversos problemas da nossa casa e da nossa vida, nem representa, de facto, a voz dos superiores interêsses do agregado português.

Tem-se entendido erradamente que o parlamento só é parlamento quando parte carteiras, quando passa o tempo a insultar, quando não cuida, de facto, dos problemas nacionais.

Já é tempo, porém, do povo lusíada corrigir os seus pensamantos e repelir, com a energia necessária, as vozes agoirentas e sempre desautorizadas que procuram iludi-lo e desgraçá-lo.

A verdade manda afirmar resolutamente, sem equivocos possíveis e sem interpretações suspeitas, que o nosso sistema representativo é mais perfeito e muito mais fecundo que qualquer outro. E' fora de dúvida, mesmo, que a sua vida se distingue por uma extraordinária elevação nas discussões, e por uma operosidade simplesmente assombrosa.

Na sessão legislativa finda no dia 26 foram discutidos, apreciados e aprovados trabalhos importantíssimos, de marcada projecção no futuro do País.

Além do orçamento geral do Estado para 1947, foram objecto de prolongado estudo, discussão e apreciação a reforma do Ensino Técnico Profissional, a política monetária do Govêrno,—que exuberantemente documentou e aprovou a solidez insofismável da nossa moeda—a protecção ao cinema nacional, o problema das lãs, algumas reformas de justiça, a proposta de lei sôbre sucessões e doações, as restrições do plantio da vinha e, ainda, o relatório do Inquérito aos organismos corporativos, que constituiu, só por si, uma prova nobilíssima da forma como a Assembleia Nacional corresponde aos queixumes da Nação.

Se formos a ver como os trabalhos decorreram e como foi conduzida a discussão temos de confessar, lealmente, que a correcção dos deputados nada deixou a desejar. No entanto, cada um manifestou livremente o seu critério e as suas opiniões, nem sempre concordantes com as do Govêrno. Contudo, não assistimos à luta de paixões mesquinhas nem a oposições sistemáticas. A Assembleia pronunciou se como entendeu mas nunca perdeu de vista que tinha por fim subordinar os interesses particulares aos do País e oferecer, ao Poder Executivo, uma colaboração efectiva e leal.

Cremos piamente que se deve dar por satisfeita porque na verdade correspondeu devidamente a essa grande finalidade.

MANUEL ARAÚJO

O DEMOCRATA, acompanhando a maioria dos colegas do país, se não a totalidade, não se publica na próxima semana, que aproveitará para pôr em ordem os serviços da administração.

A todos os seus assinantes, anunciantes, colaboradores e amigos deseja uma Páscoa feliz, cheia de alegria.

Coisas dos jornais e coisas locais

pelo Dr. Alberto Souto

O jornalismo de afirmações avulsas espalha ideias, mas, em geral, não arreiga convicções.

Porisso, o processo jornalístico de fazer vingar uma doutrina e de instalar no animo do público uma convicção ou de fazer valer um pensamento, é a campanha. E' a repetição de conceitos sob forma impressiva, mais ou menos comprovada e documentada, e persistente e desenvolvida, porque a afirmação isolada e solta perde-se tão facilmente como a simples notícia.

E' preciso, pois, bater e rebater um raciocínio ou uma afirmação, muitas vezes, nas colunas de um jornal, para que esse raciocínio ou essa afirmação entrem no ouvido do público e se fixem na sua mente.

E' por saber isso muito bem que eu insisto nesta afirmação: «*a cidade de Aveiro, como qualquer outra cidade digna desta categoria, precisa de ter ideias próprias acêrca dos seus grandes problemas, porque estes nunca podem ser bem entendidos senão pelos seus naturais*».

O patriotismo local não pode ser constituido, apenas, por aquele conjunto de afectos, recordações e sentimentos que vivem na alma de todos nós que formamos o *povo;* mas precisa, também, de possuir ideias directrizes, disciplinadoras da conduta geral e solucionadoras das grandes questões. Precisa de ter o que se chama—uma ética.

O grande pensador que foi José Pereira de Sampaio—(Bruno)—criticou um dia, superiormente, a nossa ideia de «*Pátria*», demonstrando que sem *ideia portuguesa* não podia haver *patriotismo português*. E' bem de vêr que o bairrismo ou patriotismo local, no nosso caso, o *aveirismo*, tem de possuir, também, um *pensamento aveirense*, um *ideal aveirense*. E não falo hoje da necessidade de Aveiro possuir, tambem, um *ideal regional*, como capital que é de um importante distrito e perante ele ter grandes responsabilidades.

Mas para uma cidade ter um ideal, é necessário que, pelo menos, os seus homens dirigentes e representativos tenham ideias. E' preciso que haja uma *élite* que saiba expôr, transmitir, defender e impôr as suas ideias, tanto aos de baixo como aos de cima, e que saiba prestigiar essas ideias com o seu próprio prestígio.

Porisso a *élite* pensante de uma cidade não pode ser nem dominada, nem substituida, nem representada por analfabetos ou quási analfabetos, nem por cabeças oucas, nem por quaisquer simples arrivistas, nem mesmo por pessoas de pezo ou de ilustração geral que não conheçam e não estudem os problemas locais. Tambem a *élite* das elegâncias tem um papel à parte e a das futilidades, das modas, dos janotismos e das pedantices nada vale nada sob o ponto de vista que nos preocupa.

Demais a Câmara Municipal e o Concelho Municipal teem hoje uma base teoricamente corporativa. Daí se infere a necessidade de as próprias classes ou organizações ou grupos de interesses lá representados disporem de pessoas competentes, cultas e cientes dos problemas locais, que possam ser seus delegados.

Começa, também, já a notar se, em vários sectores da opinião política dirigente, uma certa reacção contra o excessivo centralismo que tornou as câmaras meras agências do poder central e simples centrais de recolha de receitas de licenças e impostos e de policiamento de obras dos particulares e do município.

Ora é bem possível que isso traduza uma tendência para o regresso das autarquias locais a maiores responsabilidades de iniciativa e de direcção.

A necessidade de uma cultura local impõe-se, em qualquer hipótese. E se não há nem pode haver instituição que directamente promova essa cultura pelo livre estudo e debate dos problemas locais, como houve em Aveiro, em tempos, o Grémio Moderno e a Associação Comercial e como há, em Coimbra, a Sociedade de Defesa e Propaganda, e se dos *velhos* já pouco se pode esperar, que, ao menos, os *novos* se preparem, aplicando se, para darem à sua terra as garantias do porvir.

Se assim falo, é porque tenho a autoridade de quem começou nisto muito novo, há quarenta anos atraz.

E porque tenho a autoridade que me dá o facto de, após quarenta anos de trabalhos e lutas pela minha terra, encontrar, entre os meus melhores proventos,... aquelas injuriasitas que há um ano aqui me foram dirigidas e a perspectiva de ficar enterrado em lama quando vou para a minha casa!

* * *

Como se verifica, eu não sou nem nunca fui contra os técnicos; bem pelo contrário: aprecio-os muito. Mas sou daqueles que gostam de ver os dirigentes públicos a um lado e os técnicos dos serviços, a outro, isto é, cada qual no seu lugar.

Naturalmente, os técnicos tornam-se cada vez mais necessários na crescente complicação e especialização da vida moderna. E' natural. Quem quere uma casa manda elaborar o seu projecto por um arquitecto. Quem quere uma fábrica entrega o seu plano a um engenheiro. Quem quere um navio, encomenda-o a um estaleiro. Quem quere uma instalação eléctrica, chama um electricista. Quem precisa de uma análise, manda ao analista. Etc.

Assim sendo, é bem de vêr que a *urbanização* da cidade futura, tem de ser traduzida num plano técnico, elaborado, segundo a lei, com sua memória justificativa e descritiva, seus projectos parciais, seus desenhos muito bonitos e sua maquete muito vistosa, por um técnico ou grupo de técnicos, e que precisa, como eu já disse, da colaboração de vários especialistas.

Esse plano deve, posteriormente, vir a ser executado sob a direcção competente de engenheiros, arquitectos, especialistas. Está muito bem. Já eu o disse e assim mesmo tem de ser. Mas é preciso não se exceder o papel da técnica.

E' que a ideia geral, directiva e orientadora, pertença, primordialmente, à cidade, à sua *élite* responsável ou camada pensante e à sua representação administrativa, que é o Município.

Para isso, porém, é indispensável haver ideias e não abdicar delas senão perante ideias melhores.

Sem desdouro para a actual engenharia portuária, devo lembrar que não foram os técnicos das construções marítimas, nem mesmo os estranhos à cidade, que vieram soprar ao ouvido de Aveiro a ideia das obras da sua Barra. E este exemplo é, ainda, além dos já apresentados, altamente elucidativo.

Aveiro é que reclamou essas obras, dizendo a razão porque as reclamava. E o que é curioso é que foram sempre homens pessoalmente desinteressados dos negócios marítimos que mais viva e decisivamente tomaram o caso a peito e formaram a respectiva opinião.

O pensamento era antigo e teve altos e baixos. Exaltações e depressões. Fé e tibieza. Entusiasmo e desvanecimento. Mas nunca se extinguiu de todo na tradição dirigente da cidade.

Teve a servi-lo grandes engenheiros, de Oudinot e Luís Gomes de Carvalho, a Silvério Pereira da Silva e Von Haff. Mas teve sempre a Câmara da cidade a pedir providências ao governo central e teve José Estêvão, e depois de José Estêvão teve a Associação Comercial, fundada em 1864, com Bento de Magalhães, Agostinho Pinheiro, Mendes Leite, Sebastião de Carvalho e Lima, os Melo Guimarães, Domingos Leite, Gustavo Pinto Basto, Edmundo Machado, Francisco Regala, António Emílio de Almeida Azevedo, Jaime Lima...

Que grandes nomes!

E José Gonçalves Gamelas, Manuel Lopes da Silva Guimarães, Pompeu da Costa Pereira, Albino Miranda, não desmereceram da tradição nas suas presidências, mas, bem pelo contrário, lhe deram alento, cooperação e valimento.

Em 1909 estava lá Jaime Duarte Silva. O último presidente foi Homem Cristo. Eu presidi em 1920 e em 1921 enquanto a saude me deixou activar e dirigir a campanha.

E todos nós os que por lá passamos, tivemos, com as nossas direcções, brio e constância no zelo desta ideia aveirense das obras da Barra.

E' certo que a ideia perdera popularidade nos últimos lustres de oitocentos e nos primeiros de novecentos. Quási caira em descrédito. Aveiro, também, nesse ponto e nesse tempo, quási descrêra de si mesma! Mas a Associação Comercial, essa, manteve sempre o fogo sagrado e nunca de todo se calou.

Quando eu entrei na vida pública, por 1907, encontrei a ideia das obras da Barra pelas ruas da amargura no espírito do povo de Aveiro.

Foi por isso que, ao assumir responsabilidades directivas com a proclamação da República e com o mandato eleitoral de 1911, logo julguei de meu dever estudar o problema a fundo e agitar a questão, fazendo reviver o assunto no espírito local e nas esferas governativas. Melo Freitas acompanhou-me de perto. Rocha e Cunha juntou-se apoz.

Levado para a presidência da Associação Comercial em 1920, inscrevi as obras da Barra como o primeiro e mais imperioso assunto a tratar. Foi a bola de neve. A' volta do programa reuniu-se, então, um grupo de aveirenses competentes, prestigiosos, decididos e resolutos, e a ideia tornou-se, assim, a bandeira dos homens de 1920 e do regionalismo político de 1921.

A campanha vigorosíssima alcançou o seu triunfo com a criação da Junta Autónoma. Depois foi a avalanche!

Mas fomos nós, os homens de 1920, que, a despeito de mil intrigas e desavenças políticas, conseguimos, com a nossa opinião e tenacidade, reabilitar no espírito da terra e impor ao País a ideia das obras da Barra, fazendo dela, primeiramente, uma causa local, transformando a, depois, de uma causa simplesmente local em uma causa regional e, finalmente, de uma causa regional em causa nacional.

Tanto se fez e tanto se lutou, nos jornais da terra e nos de fora, na pequena e grande imprensa, na tribuna e na política; tanto se persistiu e tão sensata e firmemente se debateu a questão, que os que de princípio, com tão lamentável infelicidade combateram a ideia, acabaram por se converterem, e aideia tornou-se unanime na cidade e conquistou os dirigentes da Nação!

Na devida altura a Nação tomou, efectivamente, conta do problema pela acção dos seus governos.

E vieram, então, os técnicos e resolveram o problema técnico, problema que já não era connosco, dirigentes do pensamento inicial. E honra seja aos nossos engenheiros que, resolvendo o problema técnico pela melhor forma que entenderam, nele continuam trabalhando muitíssimo bem!

Diferentes foram, porém, os papeis: o do impulsionador e orientador, o do legislador e o da realização material.

O da mentalidade da terra, o do Governo central e o da engenharia da especialidade.

Se Aveiro não tivesse tido homens capazes de estudarem, compreenderem, propagandearem e reclamarem as obras da Barra no momento oportuno, se Aveiro não tivesse sabido o que queria, na sua hora própria, o caso local não se teria transformado em um problema portuário nacional, nem estaria, hoje, no pé em que, felizmente, se encontra—em vias de completa e grandiosa realização.

Devem todos lembrar-se, porém, de que sobre a nossa campanha de 1920 estão passados, já, nada menos de 26 anos!

Como o tempo passa e como o tempo se perde!...

* * *

O exemplo é, em verdade, bem impressivo.

Em 1920 houve em Aveiro não apenas uma Câmara Municipal com o seu programa e Lourenço Peixinho à frente, mas houve também um pensamento comum sôbre os altos interesses da cidade; houve uma vigorosa consciência local e houve homens capazes de uma acção de conjunto e dotados de faculdades de concepção e de direcção.

Houve uma *ideia aveirense*, houve uma *ideia regional* e houve uma *élite* verdadeira, capacitada dessa ideia e competente para a efectivar. Foi assim que Aveiro venceu essa grande batalha de dezenas de anos!

As dissensões posteriores e as lutas pessoais que sobreviveram entre os regionalistas de 1921, e a que a geração actual assistiu, não invalidam a minha afirmação. Essas lutas foram, apenas, os defeitos humanos de todos os sequazes das melhores doutrinas e de todos os companheiros das melhores campanhas.

O essencial e importante a considerar é o facto que eu aponto como exemplo: o agrupamento dos homens de 1920 à volta de uma ideia, facto de que resultou para a terra uma grande obra baseada nesta ancestral e grande convicção de que o futuro de Aveiro e da sua região estava no aproveitamento das suas condições marítimas.

Esses homens tiveram um pensamento e souberam exprimi-lo, defendê-lo e fazê-lo triunfar.

* * *

Que sejam agora os homens da situação quem mande e governe, é lógico e natural. Pertencem-lhes as responsabilidades do momento, e todos os momentos políticos teem a sua lógica.

Porisso mesmo a Câmara Municipal, que, além de Câmara, é composta por homens de confiança da situação, tem de arcar neste problema da urbanização da cidade com as maiores responsabilidades, porque lhe cumpre.

Mas isso mesmo não impede, nem pode impedir, que haja uma corrente local de opinião sobre esse problema ou sobre outros problemas municipais.

E essa opinião é mesmo útil aos homens que governarem o Município pois sem ela, nos casos difíceis como este, hão-de sentir-se enfraquecidos pelo vácuo e deprimidos pelo isolamento.

Aveiro precisa de ter ideias próprias sobre os seus problemas e precisa de dizer aquilo que pensa ácerca do seu próprio futuro.

Veremos o que, em meu entender, Aveiro poderia pensar ácerca da sua urbanização e da colocação dos novos edifícios da Caixa Geral dos Depósitos e do Banco de Portugal em relação ao seu futuro dispositivo.

Pesca do bacalhau

Está-se a aprontar a nossa frota para seguir o destino dos mares da Terra Nova e Groelandia em procura do ex-fiel amigo.

O primeiro barco já lá vai. E' o arrastão *Santa Joana*.

Felicidades.

De interesse público

Verificado que o mercado se encontra abastecido em cabeça de porco e chispe, quer da produção nacional quer proveniente das importações efectuadas ultimamente, determinou o sr. Sub-secretário de Estado do Comércio e Indústria, que o comércio destes produtos deixasse de ficar condicionado a qualquer tabelamento, ficando portanto revogadas as tabelas que em devido tempo foram, para os mesmos, estabelecidas.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as srs.as D. Maria José Pinheiro da Cunha e D. Benilde Graça, esposas, respectivamente, dos srs. capitão Manuel Lourenço da Cunha e Telmo da Graça e Melo, funcionário dos C. T. T., e os srs. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara, José Bernardino Pereira e João Mendes Leite de Almeida, filho do sr. general João de Almeida; ámanhã, a professora sr.a D. Irene Simões Cruz, esposa do sr. Francisco dos Santos Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal; no dia 31, a sr.a dr.a D. Natália Malaquias Pereira, professora do Liceu de José Estêvão e esposa do sr. António Martins Pereira; em 1 de Abril, as sr.as D. Maria da Conceição Pina Reis e D. Leonor do Carmo Carretas, esposas, respectivamente, dos srs. dr. Hermes Ala dos Reis, proprietário da Farmácia Ala, e tenente António Pedro Carretas, de Cavalaria 5; a galante Maria Adozinda Gamelas Cardoso, filha do capitão-médico sr. dr. Vitorino Cardoso; a interessante Maria da Conceição Costa Picado, filha do sr. Américo Picado, e os srs. capitão Casimiro Marques e dr. Carlos Vidal, médico na Costa do Valado; em 2, a professora sr.a D. Maria Isabeth Marques Veludo, esposa do sr. António Veludo, aluno de Direito da Universidade de Coimbra, e a menina Marília Zaira de Sousa filha do sr. Reinaldo Neto de Sousa, chefe da Secretaria Judicial de Penafiel; em 3, o menino Carlos José, filho do comerciante sr. Ernesto Vieira e a sr.a D. Maria Augusta da Costa Picado Moniz, esposa do sr. José de Almeida Moniz, residentes na América do Norte; em 4, a sr.a D. Maria Celeste Soares Ferreira, esposa do sr. António da Costa Ferreira, e a interessante Esmerinda Neves, filha do sr. João Neves, de Verdemilho; em 6, a sr.a D. Branca Gomes Guimarães, esposa do sr. dr. Francisco do Vale Guimarães, funcionário superior dos C. T. T.; as meninas Maria da Conceição e Maria de Lourdes Azevedo, filhas do sr. Manuel Seabra de Azevedo, activo negociante em Lisboa, e o nosso amigo Vitorino Casal Ribeiro; em 7, a sr.a D. Maria da Luz Lima Pinto, esposa do sr. Artur José Pinto Júnior, residentes no Porto, e em 8, as sr.as D. Virgínia Serrão Alvarenga e D. Emília de Oliveira Dias, esposas, respectivamente, dos srs. Pompeu Alvarenga e José Paula Dias, da Fundição Aveirense, L.a.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo consorciou se, domingo, a menina Arminda Ferreira Martins, simpática filha do sr. José Martins, mestre de talha da Escola Fernando Caldeira, com o sr. Luís de Melo Alvim Júnior, tendo assistido vários convidados aos quais foi servido um copo de água.

Desejamos-lhes felicidades.

—Em Requeixo também se efectuou o casamento da menina Celestina da Costa Laranjeira com o sr. Aires Simões Jorge, filho do sr. Diamantino Simões Jorge, antigo presidente da Junta de Freguesia.

Parabens.

—Foi pedida para o sr. Herculano de Almeida e Silva, a mão da menina Maria de Lourdes Ventura Dias, filha do industrial sr. João André da Paula Dias.

A cerimónia efectuar-se-á brevemente.

Gente nova

Deu à luz uma menina a esposa do sr. Lino Costa, ajudante no consultório dentário do sr. dr. Pompeu Cardoso.

Um futuro risonho lhe desejamos.

—Foi registado o filhinho da sr.a D. Hermeliana Tavares Barreto e de seu marido o sr. capitão Evangelista Barreto, tendo servido de padrinhos a sr.a D. Ana Augusta Dias Tavares e o sr. tenente-coronel João Pereira Tavares, respectivamente, avó e tio da creança.

Recebeu o nome de João Manuel.

Partidas e Chegadas

Seguiu para o estrangeiro em viagem de estudo e visita aos principais centros mineiros da França, Bélgica e Espanha o aluno do Instituto Superior Técnico, finalista do curso de Engenharia, nosso conterrâneo sr. José Augusto da Rocha Simões, filho do 1.º tenente-médico da Armada sr. dr. Justino de Oliveira Simões, já falecido, e neto do nosso amigo sr. Francisco da Silva Rocha, antigo director da Escola Fernando Caldeira.

—Estiveram nesta cidade os srs. dr. António Vicente, médico no Troviscal; dr. Manuel Seabra Ferreira, médico em Sangalhos; Acurcio Maia de Albuquerque e esposa, professores em Oiã, e João Kasprzyhowski, funcionário da Agência do Banco de Portugal da Covilhã.

Doentes

Está gravemente doente o sr. tenente José Reinaldo Oudinot, aqui residente há longos anos.

A hora vai mudar

—o—

E é no domingo de Páscoa, este ano. Por isso às 2 horas de 6 de Abril adiantar-se-ão os relógios 60 minutos para em 5 de Outubro—data da proclamação da República em Portugal—voltarem à primeira forma.

O tempo, porém, ficará eternamente—na mesma...

O TEMPO

A Primavera anda arredia, tendo voltado atraz. Há neve na Serra da Estrela e no sábado cairam em Viana do Castelo blocos de gelo do tamanho de ovos de galinha, alguns com 125 gramas de peso, que partiram vidros de janelas e de muitas claraboias, além de porem em risco a cabeça dos transeuntes.

Livra!

A gatunagem

—o—

Parece que foram presos alguns meliantes a quem são atribuidos vários roubos aí praticados, mas que terão de ser postos em liberdade—se é que ainda o não foram—em virtude de determinados artigos da Lei.

Será verdade?

Restauração de comarcas

Fala-se muito nesta medida governamental pelo que o concelho de Vagos também está de esperanças.

Fazemos votos por que a hora sôe para regosijo dos que manifestam essa aspiração, aliás justa.

Além túmulo

Capitão Alberto Faria

Faz hoje um ano que morreu e por isso o recordamos aos seus numerosos amigos e a quantos apreciavam a sua *verbe* e o seu bom humor.

Feira de Março

Abriu. Oficialmente, com dois dias de antecedência, no dia 23, por deliberação da Câmara, não sabemos com que interesse, com que fim, se o seu dia, consagrado pela tradição, é a 25—que por isso registou uma extraordinária afluência de gente de fóra. Mas êste ano a Feira é duma pobreza franciscana a principiar pelo mau gosto da entrada para o recinto. Aquilo, assim, despido, sem ornatos vivos, berrantes, é duma tristeza tumular. E lá dentro nenhuma novidade se nota a não ser o jôgo desenfreado que nela assentou arraiais e contra o qual protestamos por trazer à cidade um dos mais perniciosos vícios que se conhecem. Se o jôgo está proibido em Portugal, só sendo permitido em certas e determinadas zonas de turismo, o que aí se estabeleceu na Feira brada aos céus e não seremos nós, com a cumplicidade do silêncio, que, de braços cruzados, ficaremos a olhar para a ruina daqueles a quem o engodo, aliado à pouca visão dos espíritos fracos, facilmente tenta. De resto, está-se ainda a construir uma fonte luminosa, uns três ou quatro *stands*, um das porcelanas da Vista Alegre, outro com louças decorativas das *Fábricas Aleluia*, outro da *Metalo-Mecânica* e outro da *Mercantil Aveirense, L.da*, se destacam na parte central, tudo isto animado com a música e os pregões dos alto--falantes distribuidos por os diversos sectores onde se torna imprescindível a comparência do público. E um deles é o que tem a destacar-se o *Pavilhão do Casal* com as suas *farturas à moda de Lisboa*, bem melhor, sem comparação, do que as atracções que levam dinheiro e não deixam proveito, como aquelas a que aludimos e não se coadunam com a nossa maneira de apreciar estes mercados.

Falaremos mais de espaço.

Dr. António Homem de Melo

Finou-se na capital, onde residia com a família, um dos actuais directores da *Soberania do Povo*, de Agueda, que era filho do antigo chefe progressista, dr. Albano de Melo, figura de destaque e de prestígio no distrito, onde o conhecemos como governador civil quando a estes logares só ascendiam pessoas categorizadas, e irmão do outro director daquele colega, sr. Conde de Agueda.

O extinto contava 79 anos de idade, assinava com o pseudónimo de *Toy* as suas produções literárias, e o seu funeral, realizado na segunda-feira de tarde na vila onde nascera, constituiu uma grandiosa manifestação de pezar, tendo-se encorporado nele elevadíssimo número de pessoas não só do concelho como de diferentes partes do país em virtude das muitas relações que possuia.

O sentimento era manifesto no rosto de todos quantos o acompanharam ao cemitério, recebendo o sr. Conde d'Agueda essa prova como um dos membros mais em evidência na família que representa.

O Democrata reitera-lhe e à *Soberania do Povo* as condolências que de Aveiro lhe enviámos em telegrama.

Atenção para a 4.a página

Bota-abaixo

E' amanhã lançado à água um novo barco, construido nos estaleiros de Silvério Cova, e que é pertença da *Sociedade de Pesca de Arrasto, L.da*, de que fazem parte os srs. Armando Lau, João Guimarães, Elmano Cordeiro da Silva, Benjamim Gomes da Silva, João Eugénio Peixinho, dr. Gabriel Faria, dr. Lopes de Almeida e Adelino Cardoso.

Chama-se *Beirão*, destina-se à pesca do alto, é acionado por um motor *Lister* de 240 H. P., tem aparelho transmissor e sonda electrica, medindo 27 metros de comprimento, 2,90 de pontal e 5,44 de boca.

A cerimónia está marcada para as 14 horas.

Movimento da população

O Anuário Demográfico, referente a 1945 e agora publicado pelo Instituto Nacional de Estatística, regista que desde 1886 nunca houve qualquer ano com tão grande número de casamentos realizados como o de 1945. E que o distrito de Aveiro, depois dos de Lisboa e Porto, fôra o que mais se salientou nesse significado demográfico, aparecendo, por isso, em terceiro logar.

Desvanecidos com o acontecimento, que só nos honra, deve ter ele também contribuido para o grande saldo fisiológico de 90 mil pessoas, acusado pelo referido Anuário que ao transmitir-nos a notícia põe em evidência tudo quanto Deus disse...

Para a frente!...

IMPRENSA

Defesa de Espinho

Quinze anos de existência atingiu este nosso preclaro confrade onde pontifica Benjamim Dias que aos interesses do próspero concelho e da praia, que tanto o engrandece e o torna conhecido, se tem dedicado com suprema coragem e extraordinária galhardia. Acompanhamos, há muito, a sua actuação, o seu vigor e não nos têm passado despercebidos os sacrifícios e os desgostos sofridos por Benjamim Dias. Mas tudo isso faz parte integrante do jornalismo provinciano, que é como quem diz dos meios pequeninos. Por cá também têm rugido tempestades, mas, felizmente, sem consequências de maior porque nunca vimos a Razão e a Verdade, essas duas forças poderosas, serem destruidas pela impotência dos *fracos*, incapaz de nos dominar.

Um abraço de parabéns e solidariedade ao colega amigo.

Muitos barcos

Vieram no dia 25 tambem à feira, enchendo completamente o canal central. Efectuaram-se, por isso, importantes transações nesse ramo de negócio, sendo espectaculosa a debandada quando retiraram, a meio da tarde, singrando uns após outros, pela ria fóra, até tomarem diferentes rumos além das Pirâmides.

Alguns embandeiraram.

Os desportos e a nação

Publicou o *Comércio do Porto*, de 14 do corrente, um artigo com o título da epígrafe do qual extraímos estes periodos:

O futebol explica-se nos países frios, por uma questão de adaptação. Entre nós, com a intolerancia que tantas vezes reveste, com a atitude gregaria das multidões historicas é um sintoma de inferioridade mental que nos coloca muito abaixo na escala biológica. Que se suprima, não estaria bem. Mas que ocupe o seu lugar, apenas como distracção e como passatempo. Só assim o admitiremos

Bem dada bola...

Trasladação

—o—

Vindo do Rio de Janeiro a bordo do paquete *Buena Esperança*, chegou a Lisboa a urna com o cadáver do sr. João Pedro Gomes Amador, falecido naquela cidade brasileira a 10 de Fevereiro e que, a seguir, um carro funebre conduziu para o cemitério de Ilhavo, aonde ficou sepultado na penultima sexta feira.

Acompanhou-o na derradeira viagem o seu íntimo amigo, sr. João Rodrigues Testa, sócio da acreditada firma local *Testa & Amadores*, que, de avião, partira, logo que aqui chegaram as notícias alarmantes sôbre a doença do enfermo.

O concelho de Ilhavo perdeu com a morte do sr. João Pedro Amador um benemérito dos mais prestimosos, dadas as avultadas quantias com que concorria para as casas de beneficência.

Excursão ao Algarve

Devidamente autorizado pelo Comissariado Nacional e organizada pela Sub-Delegação Regional e Centro Escolar n.º 2, do Liceu, realiza-se uma excursão de 40 filiados da Mocidade Portuguesa ao Algarve, visitando Portimão, Lagos, Faro, Vila Real de Santo António, Beja e também a cidade espanhola de Hayamonte.

Reina grande entusiasmo entre os rapazes que, na sua viagem de 6 dias, serão acompanhados pelo Sub-Delegado Regional e Director do Centro.

Pela Câmara

Na sua última sessão a Câmara deliberou enviar aos srs. ministros da Educação Nacional, das Obras Públicas e das Comunicações uma exposição sôbre a construção, na Ria de Aveiro, de uma pista nacional de remo que possa servir também para competições internacionais. Entre as razões apresentadas figuram: o parecer do sr. presidente da Federação Portuguesa de Remo, comandante José Soares de Oliveira; a situação central de Aveiro em relação aos outros centros náuticos do país; as possibilidades de espaço para uma larga pista orientada no sentido Les-Nordeste; proximidade da pista do centro da cidade; situação de Aveiro em relação às estradas nacionais e linhas férreas; centro náutico de relêvo, etc, etc.

Também a nossa edilidade aprovou o sentido do trânsito a estabelecer na cidade logo que estejam completamente prontas as artérias em reparação.

Ria da Costa Nova

Consta que se pensa na organização duma emprêsa com o fim de adquirir algumas lanchas destinadas à sua travessia.

Ao tempo que deviam existir!...

Despedida

Impedindo-me as circunstâncias de pessoalmente, apresentar cumprimentos de despedida,—como era meu desejo, e dever,—às pessoas que nesta cidade e distrito me honraram com a sua amizade, de todas espero a relevância de me servir deste meio para lhes transmitir saudoso adeus, bem como para lhes oferecer os meus préstimos na Administração do 1.º Bairro do Porto.

Governo Civil de Aveiro, 28 de Março de 1947.

JOÃO BAPTISTA ALVES COSTA

Livros

O Mistério do Combóio Feliz

A Editorial Gleba acaba de lançar no mercado uma nova colecção intitulada «Novelas Policiais», da qual temos presente o n.º 4, que é um primor no género, pois trata-se da obra do consagrado escritor americano Henry Marshall *O Mistério do Combóio Feliz*, numa cuidada tradução de Angelo de Sousa.

A acção passa-se toda no expresso Budapeste-Roma, combóio de luxo onde só costumam viajar pessoas bem instaladas na vida, mas que, certo dia, leva atrelada uma carruagem misteriosa — não se sabe quem vai dentro — carruagem vigiada pela polícia não vá ser alvo de qualquer atentado...

Em dado momento, aparece morto um passageiro que manifestara vivo desejo de ocupar uma cabine que não lhe pertencia, a mais próxima da tal carruagem, objecto da vigilância policial.

Aqui principia a actuar o capitão Fáludi, da Real Polícia Húngara, coadjuvado pelo seu colega Smith, da Scotland Yard, numa sucessão de peripécias que empolgam o leitor, sem atinar com o fio da meada, que só é encontrado nas páginas finais dêste livro.

Os outros volumes da colecção «Novelas Policiais» são: *Mataram uma mulher*, de William Forst; *A morte chega às 4 horas*, de Nils Stewart; *A bailarina apunhalada*, de Charles Richter.

Pedidos à Editorial Gleba, L.ª, Rua da Madalena, 211, 3.º — Lisboa.

Ao Comércio

Os recoveiros de Aveiro vêm informar que a nova tabela de recovagens de Porto-Aveiro-Porto, entregue ao domicílio, é a seguinte:

Até 5 kg. . .	2$50
10 kg. . .	4$00
20 kg. . .	8$00
25 kg. . .	10$00
30 kg. . .	12$00
40 kg. . .	16$00
50 kg. . .	20$00

Para cima de 50 kg., $30 por kg.
Aveiro, 27 de Março de 1947.

CARVALHINHO
ZEFERINO

VISITAI O PARQUE DA CIDADE

AGRADECIMENTO

A família de João Pedro Moreira Gomes Amador, falecido no Rio de Janeiro (Brasil) cujos restos mortais foram trasladados para Portugal, via Lisboa, e depositados em jazigo de Família no Cemitério de Ilhavo, no dia 21 de Março, devido à tarde de chuva torrencial não pode tomar nota de todas as pessoas que tiveram a bondade de assistir ao piedoso acto.

Dêste modo vem resalvar as faltas de agradecimento em que porventura incorresse, a todos pedindo desculpa e a todos apresenta os seus mais sinceros agradecimentos.

A todos a família do falecido, reconhecida, agradece com indelevel gratidão.

Casa do Povo de Esgueira

CONCURSO MÉDICO

A Direcção da Casa do Povo de Esgueira faz público que se encontra aberto concurso até 10 de Abril p. f. para preenchimento do lugar de médico privativo do mesmo organismo.

As condições-base encontram-se patentes na sede da referida Casa do Povo.

Esgueira, 8 de Março de 1947.

A DIRECÇÃO

NECROLOGIA

Coronel Barros e Cunha

Acometido de doença súbita quando, terça-feira à noite passeava na Feira, faleceu às primeiras horas da madrugada do dia imediato, devido a uma hemorragia cerebral, êste ilustre oficial, que comandava o regimento de Cavalaria 5.

O sr. coronel João Guelberto Barros e Cunha contava 55 anos, era natural da freguesia de Runa (Torres Vedras) e serviu em várias unidades antes de aqui ser colocado.

Filho do sr. dr. Barros e Cunha, professor jubilado da Universidade de Coimbra, o extinto deixou viúva a sr.ª D. Mariana do Carmo Pinto Abreu e Cunha e era pai de duas senhoras e dos srs. tenentes João Gualberto e Luís Carlos Barros e Cunha, pertencentes à mesma arma.

O brioso militar, devido ao seu aprumo e à delicadeza das suas maneiras, era muito estimado não só pelos seus camaradas como por outras pessoas com quem se relacionara, motivo por que o inesperado desenlace a todos impressionou, como é de calcular.

O funeral efectuou-se ante-ontem para a terra da sua naturalidade, tendo-o acompanhado até ao limite da cidade um grupo de esquadrões do regimentoque comandaca, assim como representantes de tôda a guarnição, que lhe prestou as honras militares a que tinha direito.

O Democrata envia à família do pranteado morto o seu cartão de pêsames.

* * *

Finou-se na manhã do último sábado, sendo sepultado no mesmo dia, de tarde, no cemitério sul, o modesto industrial de panificação Estêvão Rebelo de Almeida, que próximo da Praça do Peixe exercia aquele mister.

A sua aparente robustez física e o seu arcaboiço não evitou que aos 48 anos deixasse o mundo, este mundo de ilusões e com ele a sua querida Aveiro, que tanto estremecia e amava.

Vitimou-o uma grave enfermidade que há meses se lhe manifestara com carácter alarmante e que a ciência não conseguiu dominar, a-pesar-dos esforços empregados para evitar que tão cedo transpuzesse os umbrais da Eternidade.

E porque o conheciamos de perto e acompanhámos na sua doença, mais sentimos e lamentamos a sua morte, ao mesmo tempo que juntamos o nosso sentimento ao de sua velha mãe, ao de sua esposa e de mais família enlutada.

Comarca de Aveiro

ARREMATAÇÃO

1.ª publicação

Por êste Juízo—segunda secção—segundo Tribunal —e nos autos de execução sumária de letra que Alfredo de Freitas, casado, industrial, de Aveiro, move contra Duarte Simões da Cunha, solteiro, maior, empregado comercial, também de Aveiro, vai à praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima do seu respectivo valor, no dia dez de Maio próximo, por doze horas, no Tribunal, sito à Praça da Republica em Aveiro, o seguinte prédio pertencente e penhorado ao executado:

Uma casa de rez do chão, sita na na Rua Aires Barbosa, desta cidade, freguesia da Glória, no valor matricial, de nove mil quinhentos e quatro escudos.

Aveiro, 13 de Março de 1947.

O Chefe de Secção
João António Morais Sarmento

Verifiquei:
O juiz de Direito
António Gurjão Nogueira

Balseiro & Oliveira, L.da

—o—

Por escritura pública de 25 de Março do corrente ano, lavrada nas notas do notário desta cidade, dr. Adelino Simão Leal, foi constituida uma sociedade por cótas de responsabilidade limitada, entre Pompílio Balseiro Grego e Alvaro Nunes de Oliveira, a qual será regida nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a firmas *Balseiro & Oliveira, Limitada*, fica com a sua séde no lugar da Quinta do Picado, freguesia de Aradas, concelho de Aveiro; a sua duração é por tempo indeterminado e o seu começo data do dia um do próximo mês de Abril.

2.º

O objecto social é o exercicio da industria de carpintaria mecânica e a compra e venda de madeiras e qualquer outro que a sociedade resolva explorar.

3.º

O capital social é de 40.000$ em dinheiro, subscrito pelos dois sócios, já inteiramente realizado, pertencendo a cada sócio uma cóta de 20.000$00.

4.º

A gerência e a administração da sociedade e a sua representação em juizo e fora dele, activa e passivamente, fica a cargo dos dois sócios, sem remuneração, nem caução, e só poderão fazer uso da firma social em assuntos e negócios que digam respeito, exclusivamente, à sociedade.

5.º

A cessão de cótas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios, mas a cessão, no todo ou em parte, a favor de estranhos, fica dependente do consentimento dos outros sócios.

6.º

No caso de falecimento ou interdição de algum dos sócios, a sociedade continuará com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito que, enquanto a cóta estiver indivisa; nomearão entre êles um que os represente a todos.

7.º

Os lucros e perdas sociais serão divididos entre os sócios na proporção das suas cótas.

8.º

A sociedade dissolve-se nos casos legais.

9.º

Em todo o omisso regularão as disposições legais aplicáveis e as deliberações dos sócios.

Aveiro, Secretaria Notarial, 27 de Março de 1947.

O Ajudante da Secretaria Notarial,
Raúl Ferreira de Andrade